

Silvia T. Maurer Lane
Bader Burihan Sawaia (orgs.)

Novas Veredas da Psicologia Social

Denise de Camargo
Iray Carone
Luís Gonzaga Mattos Monteiro
Maria A. Banchs
Maritza Montero
Mónica Haydée Galano
Silvia Friedman

edue

editora brasiliense

O sujeito está vivo e com ele a utopia da vida digna.

Esta idéia perpassa os diferentes textos do presente livro, que busca caminhos analíticos para compreender a complexidade e contradição desse fantástico ser que se constitui unicamente através do outro, mas insiste em negar a alteridade. O criador da história que se deixa aprisionar pela criatura.

Novas Veredas da Psicologia

Social, portanto, é um livro bem-vindo, hoje, quando o “calcanhar de Aquiles” das Ciências Humanas e Sociais, que é a relação entre o homem e a sociedade, adquire dimensões jamais conhecidas, pela interferência do processo de globalização, que derruba fronteiras físicas de qualquer

ordem, volatilizando tempo, espaço, relações, valores e identidade. Tal contexto reconstitui a subjetividade e o sujeito, anulados pela racionalidade instrumental, como figuras fundamentais à compreensão dos problemas sociais que nos afligem no fim do século XX. Atribui à Psicologia Social um papel importantíssimo na construção de um conhecimento ético a serviço da recuperação da humanidade do homem, por ser uma ciência que nasceu com o objetivo de eliminar os hifens que, na história do pensamento, são usados para unir o que foi artificialmente cindido: homem-sociedade, sujeito-estrutura, subjetividade-objetividade, razão-sensação e pensamento-emoção.

Copyright © by Silvia T. Maurer Lane
e Bader Burihan Sawaia, 1994

*Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada,
armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada,
reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer
sem autorização prévia da editora.*

Preparação, revisão e fotolitos: Equipe EDUC

Produção: Eveline Bouteiller Kavakama

Capa: Patrícia Fernandes

Fotocomposição: Helvética Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Novas veredas da psicologia social / Silvia T. M.
Lane, Bader B. Sawaia (orgs.). — São Paulo : Bra-
siliense : EDUC, 1995.

Vários autores.
ISBN 85-11-15004-8 (Brasiliense) —
ISBN 85-283-0071-4 (EDUC)

I. Psicologia social I. Lane, Silvia T. Maurer.
II. Sawaia, Bader B.

95-0985

CDD-302

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia social 302

EDUC - Editora da PUC-SP

R. Monte Alegre, 984

05014-001 - São Paulo - SP

Fone (011) 873-3359 - Fax 62-4920

EDITORA BRASILIENSE S.A.

R. Barão de Itapetininga, 93 - 11º a.

01042-908 - São Paulo - SP

Fone (011) 258-7344 - Fax 258-7923

Filiada à ABDR

SUMÁRIO

Silvia T. Maurer Lane e Bader Burihan Sawaia. Apresentação, 7

Parte I — A Questão dos Paradigmas nas Ciências Humanas

Iray Carone. A questão dos paradigmas nas ciências humanas e o paradigma da estrutura das objetivações sociais de Agnes Heller, 11

Luís Gonzaga Mattos Monteiro. Objetividade x Subjetividade: da crítica à psicologia à psicologia crítica, 23

Bader Burihan Sawaia. Psicologia Social: aspectos epistemológicos e éticos, 45

Silvia T. Maurer Lane. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano, 55

Parte II — Avanços da Psicologia Social na América Latina

Silvia T. Maurer Lane. Avanços da Psicologia Social na América Latina, 67

Maritza Montero. Estratégias discursivas ideológicas, 83

*Maria A. Banchs. O papel da emoção na representação do *self* e do outro em membros de uma família incestuosa, 97*

Silvia T. Maurer Lane e Denise de Camargo. Contribuição de Vigotski para o estudo das emoções, 115

Parte III — Pesquisando a Emoção

Silvia Friedman. Uma aproximação metodológica ao estudo das emoções, 135

Mónica Haydée Galano. As emoções no interjogo grupal, 147

Bader Burihan Sawaia. Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora, 157

APRESENTAÇÃO

Há quase dez anos Wanderley Codo e eu organizamos o *Psicologia Social — o homem em movimento*, onde definíamos pressupostos teóricos e apresentávamos alguns dados de pesquisa. Hoje, apresento junto com Bader B. Sawaia o livro *Novas veredas da Psicologia Social*, que sintetiza as reflexões que vimos fazendo sobre as mudanças no eixo paradigmático da Psicologia Social.

Naquele período, as questões cruciais eram as metodológicas, pois sem pesquisa toda teoria é vã e as indagações avançavam numa epistemologia marxista em busca de uma ciência comprometida com a transformação social. Daí para frente foram tempos de investigação, reflexão e discussão, sempre com muita criticidade.

Foi então que uma série de acontecimentos impôs novas características à Psicologia Social. Poderosos processos de globalização a par de novas formas de diferenciação social e de sociabilidade desafiavam o paradigma das ciências humanas a buscar um novo olhar sobre si mesmo, sobre o homem e sobre a sociedade. Um olhar local e objetivo, mas ao mesmo tempo universal e subjetivo em busca de uma ciência ética comprometida com a emancipação humana.

Novas obras dos psicólogos soviéticos, que orientaram as reflexões contidas no primeiro livro, foram consideradas, especialmente a obra de Vigotski; juntamente com neomarxistas como Agnes Heller e Jurgen Habermas, abriram novas possibilidades de abordagem da relação objetividade/subjetividade.

Foram dez anos de fermentação de idéias...

O produto que ora apresentamos não significa a conclusão das reflexões, mas contém a possibilidade de alimentar as discussões que hoje se travam na busca de compreensão do processo de constituição do homem, especialmente pela ênfase dos estudos nas mediações psicossociais até então esquecidas na análise da dialética homem/sociedade, como: afetividade e dimensão ético-valorativa.

Nossa trajetória não é solitária.

Descobrimos que nossas preocupações afligem muitos psicólogos sociais da América Latina que conosco partilham o paradoxo contemporâneo. De um lado, a explosão das diferenças, do individualismo, do consumismo desenfreado, do fantástico avanço científico e consequente modernização tecnológica e expansão poderosa dos meios de comunicação de massa. De outro, a reprodução em níveis alarmantes da exclusão, da miséria e da marginalização política da imensa maioria da população da América Latina.

O saber humano não é universal nem eterno, e o homem é historicamente situado, bem como os problemas que o afligem. Portanto, a realidade psicossocial não pode ser compreendida por teorias importadas, seja dos Estados Unidos seja da Europa. É preciso conhecer quem é o homem que se constitui nas condições sócio-históricas da América Latina. Não se trata de abandonar o acervo teórico acumulado árdua e rigorosamente pela Psicologia Social, mas de mudar a sensibilidade epistemológica para rever-se à luz dos novos atores sociais, das necessidades, idéias e emoções que objetivam na atividade cotidiana.

Assim, partimos para um intercâmbio intenso com cientistas desta parte do continente, buscando na interlocução a compreensão de como o latino-americano singulariza o universal na constituição particular de sua existência.

E, sem dúvida, a contribuição de Ignacio Martín-Baró foi de suma importância. Suas obras e sua presença na Sociedade Interamericana de Psicologia marcaram-nos a todos, preocupados com um saber científico voltado para as questões cruciais de nossos países. Há uma grande lacuna neste livro: a de não podermos publicar um artigo seu. Foram muitos, mas o acesso é difícil. Existe uma promessa da EDUC de editar um volume de seus trabalhos sobre Direitos Humanos. Esperemos então que a Psicologia Social tenha a sua contribuição.

Enfim, foram três recursos que se entrecruzaram em todos os momentos de nossa trajetória: reflexões sobre os pressupostos epistemológicos e metodológicos, os questionamentos teóricos decorrentes das pesquisas que realizávamos e os intercâmbios. Daí as três partes em que organizamos a nossa produção neste período: 1ª Parte — Questões epistemológicas e metodológicas; 2ª Parte — Questões teórico-práticas específicas da América Latina e 3ª Parte — Contribuições e pesquisas que operacionalizam questões teórico-metodológicas discutidas nos capítulos anteriores.

Dedicamos esta obra aos nossos alunos, especialmente aos participantes do Núcleo de Pesquisa sobre Consciência e suas Mediações (NPCM), com os quais aprendemos tudo o que está aí.

Silvia T. Maurer Lane
Bader Burihan Sawaia

PSICOLOGIA SOCIAL: ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS E ÉTICOS

BADER BURIHAN SAWAIA

O tema do presente artigo lembra a pergunta feita a Rousseau em 1750 (início da Revolução Científica) pela Academia de Dijon (França): O progresso da ciência e das artes contribuirá para purificar ou corromper os nossos costumes?

Para respondê-la, Rousseau fez outras questões, tais como: 1. Há alguma relação entre ciência e virtude? 2. Há alguma razão para substituir o conhecimento que temos da vida e que partilhamos com os outros homens pelo conhecimento científico, produzido por poucos e inacessível à maioria?

Perguntas simples, que Rousseau respondeu com um sonoro não (Souza Santos, 1987).

Hoje, quase duzentos e cinqüenta anos depois, somos testemunhas das transformações que o conhecimento científico produziu: usufruímos dos fantásticos avanços da tecnologia, mas sofremos suas terríveis mazelas. Ficamos deslumbrados com o aumento sem limites da produção de alimentos e outros bens, mas nos revoltamos com a elevação (proporcional) da miséria. Vibramos e aplaudimos médicos habilidosos que realizam transplantes inimagináveis poucos anos atrás, para salvar uma vida humana, mas choramos a morte de centenas de outras, por cólera, fome, tuberculose (doenças que se pensava terem sido erradicadas pela ciência). Brindamos o fim da guerra fria e da corrida armamentista, mas assistimos atônitos o ressurgir de arcaicos atavismos separatistas como a “limpeza étnica” na Bósnia-Herzegovina.

Por isso, hoje, na virada do século XX, perplexos, estamos novamente indagando sobre a relação entre ética e ciência.

Por que o conhecimento científico não se traduziu em sabedoria de vida?

A diferença é que nossas perguntas estão sendo feitas no momento em que se perdeu a confiança epistemológica na ciência.

Nos anos 60, reagindo ao paradigma científico dominante, buscamos a epistemologia crítica, mas sucumbimos, nos anos 80, à epistemologia da angústia, frente à constatação de que as três fontes de valores das sociedades contemporâneas foram insuficientes para servirem como pressuposto para um projeto de vida e ação: nem a ciência, nem a religião, nem a revolução nos deram respostas.

O otimismo iluminista de que o homem faz a história foi substituído pela modéstia de que ele nem sempre faz como deseja, para depois chegar-se à constatação de que o homem faz a história em direção oposta às suas necessidades, tanto nas sociedades regidas pela lógica do planejamento, quanto nas sociedades que funcionam sob a lógica do mercado.

Felizmente, a década de 80, que está sendo chamada de “década perdida”¹, está no fim, e os lamentos se transformam em questionamentos.

Boaventura Souza Santos (sociólogo da Universidade de Coimbra) afirma que, neste momento de revolução científica que ocorre numa sociedade transformada pela própria ciência, o paradigma a emergir não pode ser apenas científico, tem que ser ético-social e propõe, provisoriamente, “o paradigma ou um conhecimento prudente para uma vida decente”. (Souza Santos, 1987)

Impossível discordar desta reflexão e de inúmeras outras nesta direção, como a de Brecht quando afirma: “Eu sustento que o único fundamento da ciência está em eliminar a miséria humana”, ou de Horkheimer: “A importância do trabalho científico não é seguir as regras gerais do método, discutir procedimentos indutivos ou dedutivos. A necessidade da ciência está presa a um juízo existencial: libertar a humanidade do jugo da ignorância”.

Mas, se não discordarmos, temos de ter cautela para que estas reflexões não se transformem em mais um apelo à introdução da ética no conhecimento, como inúmeros outros que ecoam, hoje, na sociedade, pela ética na política, ética na educação, ética na economia, como se ética fosse um fetiche — um amuleto capaz de mudar a história das sociedades e do conhecimento.

Ela não é absoluta, compreensível em si, não tem objetividade natural e sim objetividade social, depende das atividades dos homens, pois é expressão e resultado das relações e situações sociais. (Heller, 1972)

Além disso, não se trata de introduzir a ética como pressuposto da ciência e da prática. A ética sempre esteve inscrita na epistemologia. O paradigma científico dominante é que as separou aprisionando a epistemologia ao “como se conhece” e “ao que é” — e ética, ao que “deve ser”. Mas “o que é” contém o “dever ser”, que por sua vez é definido pelo “o que é”. Adão e Eva, quando comeram a maçã,

1. A década perdida aumentou o número de pessoas em situação de pobreza absoluta no Brasil. Nos anos 80, eram cerca de 29 milhões. Em 1991, o número já atingia 39 milhões (dados fornecidos pelo IBGE).

aprenderam que não se pode separar a esfera das coisas da esfera dos valores. O mesmo aconteceu com Prometeu ao receber o castigo dos deuses por ter ensinado o segredo do fogo aos mortais. Galileu, Bacon, Descartes e Newton construíram a metáfora do mundo como máquina perfeita escrita em linguagem matemática, referendada na crença de um criador externo — Deus perfeito — que só poderia ter criado um mundo perfeito. Esta metáfora tornou-se o pressuposto epistemológico fundamental da ciência moderna e da metodologia científica, servindo de base à instauração do debate sobre livre-arbítrio entre homem/passivo/ativo, ordem/conflito, uno/múltiplo.

Estas cisões são construções do conhecimento e deveriam ser vistas como idéias reguladoras do pensar, mas se transformaram em idéias reguladoras do próprio objeto, definindo-o de forma absoluta, como a concepção de natureza humana que condenou o homem a um destino inexorável nas Ciências Humanas.

Nos anos 60, conforme já dissemos, irrompeu um movimento de denúncias à suposta neutralidade do conhecimento científico e consequente revisão epistemológica, orientada por pressuposto ético-político, com base no materialismo histórico-dialético.

Este referencial politizou o conhecimento (situando-o como mediação nas relações de poder), historicizou os fenômenos humanos e derrubou o mito da ciência-que-conduz-ao-progresso e o da ciência-pura e imaculada (Japiassu, 1975) contrapondo-lhes a “filosofia da práxis”. Mas caiu num dos erros que queria evitar — a redução da diversidade ao *um*, sucumbindo ao mito da teoria unitária que se traduziu, na prática, na síndrome do *happy end* (como se a superação da propriedade privada dos meios de produção significasse a liberdade para sempre)² e na divisão maniqueísta dos homens entre os que fazem a história e os excluídos dela. Enfim, reificou o homem e a sociedade em categorias generalizantes que se bastavam a si mesmas, anulando a necessidade de pesquisas.

Até mesmo a ética marxiana que, na minha opinião, deve sempre orientar o conhecimento, pois o faz em direção à emancipação dos homens das humilhantes condições de vida, se transformou em “retórica ética” (conforme expressão de nosso querido mestre Joel Martins), ou seja, num conjunto de proposições de valores normativos.

Minha intenção com esta introdução prolongada foi alertar sobre o perigo do apelo pela ética na epistemologia se transformar em discurso moralizador ou negador da ciência. Por isso, retomo o que foi dito anteriormente: não se trata de introduzir a ética na epistemologia, mas de desvelar sua presença, de transformar a retórica ética em ética retórica ou dialógica, para permitir a discussão e a transformação dos valores.

2. Os trabalhos de Psicologia Comunitária, Pesquisa-Ação, pesquisa participante também apresentavam tal clima. A maioria dos relatórios descreve em tom triunfalista a mobilização popular conseguida (muito importante) como se tivessem desencadeado um processo, sem volta, rumo à felicidade.

É preciso entender que as ciências, especialmente as humanas, estão inseridas no reino da ética e que o debate epistemológico é regulado por valores de vida, morte e poder. Enunciar um discurso sobre a relação homem e sociedade é formular um discurso sobre valor. Conseqüentemente, neste raciocínio, o ponto essencial, aquele sem o qual a arquitetura toda da teoria e da prática corre o risco de implodir, é a ética, pois é ela que qualifica a teoria e a prática social.

No âmbito da Psicologia Social, isto significa:

1. Aceitar que o psicossocial é eminentemente ético. E o que é mais importante, a ética não é questão de uma supranatureza ou um estado absoluto definido por mentes privilegiadas ou por uma suposta natureza humana, ela é histórica e aflora como condição necessária à vida em sociedade. “A amarração indissolúvel do homem ao homem é, em última instância, o fundamento de toda ética”. (Maturana, 1987)³

2. Esta perspectiva analítica permite falar da liberdade não como característica da natureza humana ou do homem como membro da natureza, mas do homem como cidadão de um reino de fins, reafirmando a concepção de essência humana como conjunto de possibilidades históricas.

3. Significa aceitar, também, que a ética não é esfera autônoma, mas fenômeno imanente à subjetividade construída ao longo da história do indivíduo, dentro de contextos sócio-históricos específicos. Ela perpassa o pensar, o agir e o sentir, bem como a consciência, a identidade, a atividade e a afetividade. Considerá-la na análise psicossocial é superar as teorias reducionistas que definem o homem apenas por uma de suas partes constitutivas.

Adorno afirma no seu livro *Mínima moralia* (1993) que a inteligência é categoria moral. Heller, filósofa neomarxista, colocou a temática do indivíduo no centro da reflexão teórico-prática marxista e, ao fazê-lo, apresenta a questão do indivíduo “como ético-política, embora também psicológica”. (Carone, 1984:14)

Necessidade e sentimento não são pulsões naturais e nem funções unicamente orgânicas e biológicas universais, são representações sociais que, além da singularidade, expressam determinações sociais, morais, éticas e ideológicas complexas. Cada momento histórico tem categorias orientadoras de valor que se tornam princípios organizadores do pensamento, sentimento⁴ e das necessidades e ações dos homens. Por outro lado, a subjetividade é mobilizada para que o social seja introjetado como operacionalidade cognitiva, como proibição de certos conteúdos e como moralidade. Por exemplo, o ato de roubar não é

3. Hoje, quando as fronteiras nacionais foram rompidas, não existe saída duradoura para cada povo fora de uma ordem baseada no princípio de solidariedade universal.

4. Até a flecha de cupido e a servidão são orientadas por esses valores. Por exemplo: aprendemos que devemos respeitar os mais velhos e as autoridades investidas.

impulsionado pela falta de algo, mas pela forma como a carência é representada, o que vai depender, dentre outras coisas, da maneira como a ética foi introjetada na memória, na consciência e na identidade. Quando o faminto ancora a carência em valores de honestidade, de respeito à propriedade privada e na esperança subjetiva de um mundo melhor após a morte, dificilmente roubará, e, se também ancora em valores e sentimentos de cidadania, não sucumbirá, passivamente, à inanição.

A ética se expressa como desejo, paixão, conhecimento, ao mesmo tempo que é mediada por eles no movimento de subjetivação da objetividade e de objetivação da subjetividade.

Os homens não escolhem valores éticos, eles não optam entre o bem e o mal, objetivamente; o que escolhem são idéias, alternativas, necessidades, as quais são portadoras de conteúdos axiológicos objetivos.

Portanto, o compromisso ético não é uma questão de persuasão ou opção puramente racional entre virtude e pecado. Ele é vivido como necessidade do eu, como desejo, motivação. Mesmo quando o indivíduo age em nome do bem comum, a atividade implica o exercício da motivação individual. Ninguém é movido por interesses universais abstratos e não se pode pedir ao homem que abandone a esfera pessoal de busca da felicidade. Mas se deve impedir que esta busca cerceie a dos outros ou implique a instrumentalização da alteridade.

“Agimos por interesse privado, mas o devemos fazer em nome do bem comum”. (Gianotti, A. Tendências e Debates, p. 1, 2, *Folha de S. Paulo*, 2.2.1993), pois estamos todos, inexoravelmente, ligados uns aos outros.

Entender por que isto não ocorre é o desafio das ciências do homem, cabendo, especialmente à Psicologia Social, compreender por que o homem, que é um ser de relações que sabe que sem o outro não há humanidade, transforma a alteridade em luta contra o outro e mesmo assim vive a ilusão da independência. Por que o homem, que é unidade na diversidade, sucumbe ao modelo único da moral do mercado (neoliberalismo) que estimula o ressentimento entre os homens e a luta de um contra o outro?

Há quatro anos eu diria que estas questões são de ordem da consciência e da conscientização, explicáveis pela alienação e pela ideologia. Continuo acreditando nas possibilidades destas categorias, mas é preciso ter criticidade para aceitar que elas foram fetichizadas em categorias generalistas, passando a explicar os fenômenos antes mesmo de os conhecer (Heller, 1991) e oferecendo modelos rígidos de comportamento e de certo e errado.

A consciência tornou-se sinônimo de razão e a ação política, conscientizadora de ação racional. O sentimento e a emoção foram vistos como elementos nocivos, portanto, veementemente combatidos. Alienação e ideologia tornaram-se adjetivos da consciência a partir dos quais rotulavam-se grupos de pessoas, separando maniqueicamente os su-

jeitos da história dos excluídos dela. A comunidade também foi reificada como lugar mágico da ação transformadora, esquecendo-se que ela é idéia de valor, tanto quanto o são os conceitos de consciência, ideologia e alienação.

Hoje, mais que nunca, continuamos em busca da superação do processo de alheamento do homem das questões ético-humanas. Mas sabemos, agora, que é preciso evitar que ele se perca, em nossas pesquisas, em categorias generalistas ou seja reduzido a uma das esferas em que foi cindido na ciência: mente ou corpo, objetividade ou subjetividade, razão ou emoção e pensamento ou ação.

Precisamos, portanto, pensar desfetichizadamente, operando as categorias de ideologia e alienação de forma a perguntar sobre idéias, sentimentos, motivações e necessidades individuais, em vez de imputar idéias aos homens, partindo da concepção de que a consciência dos sujeitos contemporâneos está completamente ideologizada. (Heller, 1991:213)

A consciência deve ser considerada na sua forma de conhecimento explicativo, como também no seu aspecto intuitivo-emocional, e o processo de conscientização deve contemplar desejos, necessidades e emoções individuais e coletivas.

À luz do exposto, considero ser nosso dever buscar recursos estimulantes da reflexão desfetichizante na área das Ciências Humanas, elegendo, como objeto de estudo, temas que permitem trabalhar as categorias fundamentais de nossas ciências, no caso da Psicologia Social: consciência, alienação, ideologia e identidade, sem cristalizá-las em categorias lógicas, devolvendo-lhes vida e historicidade.

Nesse sentido, ousou sugerir um objeto de estudo sobre o qual venho refletindo ultimamente: “o sofrimento ou mal-estar psicossocial”⁵, pela sua potencialidade de superar ontologias regionais em busca de uma ontologia total capaz de fundir ciências naturais, biológicas e sociais e conhecimento científico e virtude. Entendendo por sofrimento a fixação do modo rígido de estado físico e mental que diminui a potência de agir em prol do bem comum, mesmo que motivado por necessidades do eu, gerando, por efeito perverso, ações contra as necessidades coletivas e, conseqüentemente, individuais.

Este sofrimento corrói o sistema de resistência social. Age rompendo o nexos entre o agir, o pensar e o sentir. O processo que usa é a supressão da emoção por senti-la suspeita e por não saber transformá-la em pensamento e ação, bem como a anulação do pensar na atividade, por considerar seu trabalho uma ação entre coisas que independem entre si mesmo. As condições favorecedoras da sua disseminação são a miséria, a heteronomia e o medo. Sua forma de contágio é o isolamento social. A seqüela que deixa é a passividade, o alcoolismo e o

5. Esta expressão foi inspirada no texto de Hernan San Martin, “La salud psicossocial: conceptualización en la realidad social de la América Latina”, in: RIQUELME, U., H. (1990). *Buscando América Latina — identidad y participación psicossocial*.

fatalismo, a vergonha e o medo, o que o faz ser confundido com preguiça e irresponsabilidade. O sofrimento psicossocial tem sido nomeado de: desamparo ou desesperança aprendida (Seligman, 1977), zero afetivo (Sartre, 1965), alienação (Marx, 1981), servidão voluntária (La Boétie, 1982), doença dos nervos (portadores).

O sofrimento ou mal-estar psicossocial precisa ser analisado como mediação (passagem) de outras mediações conjunturais, estruturais, históricas e subjetivas, o que significa olhá-lo através da miséria assustadora, do apodrecimento da máquina estatal e da ética minimalista que caracteriza as sociedades contemporâneas, isto é, da ética reduzida à retórica, de forma a se aceitar que as pessoas podem agir da forma que quiserem, desde que bem justificada.

É fantástica a habilidade da sociedade para recriar novas formas de sofrimento psicossocial com extrema rapidez: hoje a luta pelo direito à diversidade transforma-se em luta contra o outro e por si mesmo, a tolerância, em condescendência com as excentricidades e a reciprocidade em devolver ofensas ou é “dando que se recebe”. Socorrem-se pessoas em perigo, sim, mas só quando se trata de causas naturais, no entanto não se acode o faminto, o que significaria superar o comportamento particularista em direção ao coletivo.

Assustados, hoje, deparamo-nos com novas formas de conflitos étnicos (como a limpeza étnica na Bósnia e os sangrentos atentados neonazistas na Alemanha que provocaram no dia 30.5.93 o incêndio criminoso que matou cinco mulheres turcas), com novas formas de fundamentalismos religiosos, de ditaduras (ao estilo Fujimori na América Latina que derrubam instituições democráticas em nome do combate à corrupção, sob o aplauso da população), bem como uma nova forma associativa que pode se transformar em novas formas de colonização, como as ONGs.⁶

O sofrimento mental se manifesta, também, por exemplo: na fala de um *skinhead* (grupo nacionalista, violento, com características nazistas e descrença nos políticos) ao afirmar que está pensando em se casar, pois já está ficando velho e, quando isto ocorrer, vai se tornar “crente”. Ele demonstra nesta fala a certeza de não conseguir sobreviver por conta própria e a necessidade de usar grupos fundamentalistas para suprir funções de sua competência como pensar, sentir e agir.

6. Alternativas modernas à política de Estado e aos movimentos sociais, tipo particular de organização que não depende nem econômica, nem institucionalmente do Estado e se dedica à tarefa de promoção social, educação, comunicação e investigação, sem fins lucrativos e cujo objetivo final é a melhoria de qualidade de vida dos setores oprimidos, apresentando ideologias variadas — desde um *Opus Dei* à *Green Peace* e recebem verbas internacionais. Na América Latina já existiam, em 1980, 13.600 ONGs, e o Banco Mundial, hoje, vem estimulando a criação de ONGs voltadas para a educação cuja palavra de ordem é comunidade.

Concluindo, quero enfatizar que colocar o sofrimento psicossocial como objeto de estudo é introduzir, na reflexão e ação da Psicologia Social, um apelo à democracia e ao socialismo do ponto de vista ético, sem cair em modelos moralizantes ou teorias fetichizadas. O sofrimento psicossocial, para ser enfrentado, exige a formação de necessidades, idéias e sentimentos radicalmente democráticos em todas as instâncias (coletivas e particulares, sociais e subjetivas), bem como da abundância de bens materiais.

Superá-lo não significa lutar, apenas, pelo homem racionalmente consciente dentro de instituições democráticas, mas por homens, conscientes, porque ricos em necessidades, livres de ditaduras impostas às suas emoções, ações e pensamentos, e abertos à alteridade. Portanto, enfrentar o sofrimento psicossocial é devolver ao homem os meios para traçar um caminho pessoal e original na organização de sua vida, meios estes que não se restringem, apenas, à capacidade de reflexão, mas à possibilidade de ter esperança e potencializar esta esperança em ação.

“No fim das contas, a esperança, na medida em que se arranca da realidade ao negá-la, é a única forma na qual a verdade se manifesta”. (Adorno, 1992)

Nessa perspectiva, um lugar privilegiado de prevenção do sofrimento psicossocial é o local em que se convive com os pares, diariamente, que é sentido como o “meu lugar”, no sentido de se aquecer o calor deste, material e subjetivamente, criando núcleos sociais, culturais e psicológicos geradores de acolhimento e solidariedade.

Segundo Heller (1987), “para não adoecer, o homem precisa de um lugar onde o esperam coisas conhecidas, hábitos, segurança e uma forte dose de sentimentos”.

Trabalhar no local da vida cotidiana, que é o ponto fixo do qual o indivíduo parte e volta, diariamente, procurando transformar este lugar no ponto de segurança, afetividade e de tolerância à pluralidade de formas de viver, pode significar a desfetichização da práxis psicossocial em comunidade, colocando-a como meta relacional, sem o romantismo saudosista do paraíso perdido, num momento histórico de rompimento das fronteiras nacionais em que o sistema global de comunicação transcende as realidades locais e nacionais.

Bibliografia

- ADORNO, T. W. (1993). *Mínima moralia*. São Paulo, Ática.
- BOÉTIE, E. de La (1982). *A servidão voluntária*. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense.
- CAPRA, F. (1982). *O ponto de mutação*. São Paulo, Cultura.
- CARONE, I. (1989). Necessidade e individualização. Subsídios teóricos para uma Psicologia Social Marxista. Instituto de Psicologia da USP. Relatos para uma Psicologia Social Marxista. Relatos Pesquisa Mimeo.

- COSTA, M. R. (1992). *Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. São Paulo, PUC-SP. Tese de doutorado.
- ECHEBARRIA, A. e PÁEZ, D. (1989). *Emociones: perspectivas psicosociales*. Caracas, Editorial Fundamentos.
- HELLER, A. (1972). *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____ (1978). *Teoría de las necesidades en Marx*. Barcelona, Ediciones Península.
- _____ (1979). *Teoría de los sentimientos*. Barcelona, Editorial Fontamara.
- _____ (1982). *Para mudar a vida*. São Paulo, Brasiliense.
- _____ (1985). *The power of shame*. London, Routledge & Kegan Paul.
- _____ (1987). *Sociología de la vida cotidiana*. Barcelona, Ediciones Península.
- _____ (1991). "A sociologia como desfetichização da modernidade". In: *Novos Estudos*, CEBRAP, São Paulo, 30, julho.
- JAPIASSU, H. O. (1975). *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro, Imago.
- LANE, S. T. M. e SAWAIA, B. B. (1991). "Community Social Psychology in Brazil". In: *Applied Psychology: an International Review*, 40(2):119-142.
- _____ (1991). "Psicologia: ciência e política?". In: MONTERO, Maritza (coord.). *Acción y discurso — problema de psicología política en América Latina*. Venezuela, Eduven.
- MARX, K. (1981). *Manuscritos económicos y filosóficos*. Madrid, Alianza Editorial.
- MATURANA, H. e VARELA, F. C. (1987). *El árbol del conocimiento, las bases biológicas del entendimiento humano*. Chile, Editorial Universitaria.
- PAÉZ, D. e ASÚN, D. (1992). "Clima emocional, estado de ánimo y conducta coletiva: el caso de Chile 1973-1990". In: *Comunicación al Congreso Iberoamericano de Madrid*, julho (mimeo).
- RIQUELME U., H. (ed.) (1990). *Buscando América Latina — identidad y participación psicosocial*. Caracas, Editorial Nueva Sociedad.
- ROUANET, P. S. (1990). "O olhar iluminista". In: NOVAES, Aduato (org.). *O olhar*. 3ª ed. São Paulo, Companhia das Letras.
- SARTRE, J. P. (1965). *Esboço de uma Teoria das Emoções*. Rio de Janeiro, Zahar.
- SELIGMAN, M. E. P. (1977). *Desamparo — sobre depressão, desenvolvimento e morte*. São Paulo, Hucitec.
- SOUZA SANTOS, B. de (1988). *Um discurso sobre as ciências*. 2ª ed., Lisboa, Edições Afrontamento.

Estes são alguns dos temas que o leitor
vai encontrar em *Novas Veredas da
Psicologia Social*

Homem como ser histórico
Mediação emocional
Afetividade
Consciência
Atividade
Identidade
Incesto e família
Linguagem e ideologia
Paradigmas psicológicos
O inconsciente no grupo
Sofrimento psicossocial
Valores éticos e estéticos

educ

brasiliense
B

ISBN 85-283-0071-4
ISBN 85-11-15004-8